



O contrabando de componentes nucleares que podem gerar armamentos não pára de crescer... e de assustar.

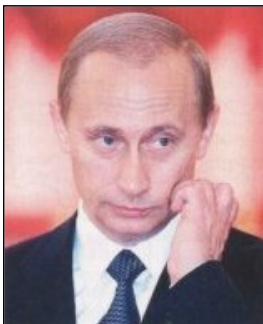
Por Walter Fanganiello Maierovitch.

PELA ENÉSIMA VEZ, MOHAMED EL Baradei, chefe da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), ligada às Nações Unidas (ONU), invoca ações para breçar o contrabando nuclear, que continua a crescer, apesar do Tratado de Não-Proliferação Nuclear. Desde o fim da URSS, transformada em supermercado por máfias internacionais.

Embora insuficientes, várias tentativas têm sido realizadas para evitar a proliferação de componentes nucleares, que permitem a feitura de armamentos. Mas o estoque é grande e as Organizações Criminosas Internacionais (OCI) são muito rápidas. E a demanda aumentou em decorrência de interesses geoestratégicos, hegemônicos e terroristas. Assim, alavancou-se a corrupção e cresceram os furtos, os roubos e as apropriações.

Com muito sigilo, o aumento da oferta de material radioativo foi tratado no Summit do G8, em 1999, ocorrido na GrãBretanha. O assunto voltou à pauta no encontro de Génova, em julho de 2001.

A União Soviética chegou a possuir 45 mil armas nucleares. Em 1999, suspeitou-se que apenas 25 mil delas estavam sob controle da Federação Russa. Ou seja, 20 mil foram desmontadas e os pedaços negociados com a máfia russa, por ex-agentes da KGB e também por oficiais militares, anteriormente ocupantes de postos estratégicos.



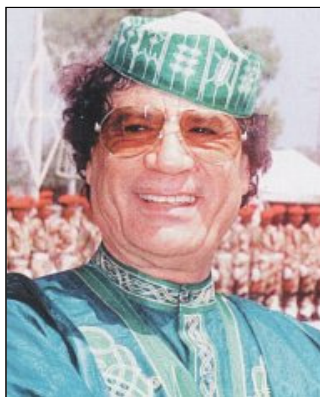
ROTA. Putin enfrenta resistência interna

Sabe-se que a máfia russa, depois do fim da URSS, passou a contratar consultorias nas áreas de importação-exportação, ou seja, sociedades regulares constituídas em paraísos fiscais e em países europeus. Também é sabido, pelas agências de inteligência, ter a Áustria se tornado o principal centro de colocação do dinheiro sujo das OCI no sistema bancário centro-europeu.

Os serviços de inteligência europeus e norte-americanos identificaram as quatro principais rotas utilizada para o contrabando de componentes nucleares. Todas elas são operadas pelas OCI: **1.** Rússia, Bielo-Rússia, Estados Bálticos, Polónia e Alemanha. **2.** Rússia, Ucrânia, Eslováquia, República Tcheca, Hungria, Áustria, Europa Ocidental. **3.** Rússia, Ucrânia, Moldávia, Roménia, Bulgária e Turquia. **4.** Rússia, Azerbaijão, Arménia, Geórgia, Turquia.

Nos encontros do G8, o terrorismo e a busca da capacitação nuclear por parte de Estados soberanos foram apontados como os principais motivos da procura alimentadora do contrabando. O terrorismo internacional interessa-se, além do poder de destruição, pela difusão da intimidação. O episódio envolvendo a seita Aum Shinrikió, responsável pelo ataque com gás Sarin no metro de Tóquio, pertence a um tempo passado, vinculado às armas químicas, ainda não desprezadas, mas sem a originalidade de uma ofensiva na base do terrorismo nuclear.

Por outro lado, diversos países buscam uma paridade estratégica regional em face da detenção de armas nucleares por nações vizinhas. O Paquistão serve de exemplo, uma vez que a Índia conseguiu fabricar a bomba atômica.



LISTA. Kadafi é um cliente preferencial

O empenho da Nigéria em adquirir plutônio no mercado operado pelas máfias, segundo especialistas, decorreu do sucesso do programa nuclear da África do Sul, concluído em 1989. Por força de compromisso internacional, a África do Sul só pode fabricar duas armas nucleares de pequeno porte por ano.

Ainda no âmbito do G8, concluiu-se que as OCI monopolizavam a oferta de componentes nucleares. Daí, em 1999, ter sido frisado que "a criminalidade organizada transnacional representa uma das três maiores ameaças para a população mundial". Quando da reunião em Génova (2001), já se sabia que as OCI conseguiam movimentar de 2,6% a 3,6% do PIB dos sete países mais industrializados.

Para as OCI, o número de clientes só aumenta. Os mais ativos são Iraque, Ira, Líbia, Síria, Coreia do Norte, China, Taiwan, Paquistão e Índia, além das organizações terroristas, como a Al Qaeda. A surpresa ficou por conta da Nigéria. Vale recordar ter a Líbia comprado da Rússia mísseis com testada apta a receber materiais nucleares. O Ira, por sua vez, adquiriu testadas nucleares roubadas pela organização eversiva denominada "Armada Vermelha", presente no Cazaquistão.

O presidente da Federação Russa procura recuperar influência na Comunidade de Estados Independentes (CEI), constituída em 1991. Essa comunidade é formada por 12 repúblicas, tendo ficado convencionado que os arsenais nucleares seriam controlados por Rússia, Ucrânia e Cazaquistão. O controle, no entanto, é praticamente inexistente, para a felicidade dos 200 grupos de contrabando nuclear coordenados pela máfia russa.

A gravidade dessa situação levou os países da Otan a apoiar a constituição de dois "Centros Internacionais de Ciência e Tecnologia", sediados em Kiev e Moscou. O objetivo foi dar ocupação aos cientistas, técnicos e militares, envolvidos nos diversos programas nucleares da extinta URSS.

Pretende o presidente Viadimir Putin quebrar as resistências ao Gasatomnazdor (GAN). Ele foi concebido por Serghei Stepashin, diretor do serviço de contraespionagem russo ao tempo de Boris Yeltsin. O GAN foi criado para centralizar um sistema informatizado de registro e controle de materiais nucleares. Fora de controle ficariam os componentes empregados em uso civil por universidades, centros de pesquisas, etc.

Enquanto as OCI ampliam mercados, a União Europeia deliberou colocar sua polícia (Europol) na repressão ao contrabando nuclear. O departamento da Europol dedicado a cuidar da repressão às drogas ilícitas acumulou a atribuição destinada a reduzir o contrabando atômico. Isso por possuir o departamento de drogas uma visão abrangente da economia movimentada pela criminalidade organizada. Nesse campo, a Europol aluará com os organismos de repressão à lavagem de dinheiro, como a norte-americana Financial Crimes Enforcement Network (Fincen) e a Financial Action Task Force (FATF), constituída e sustentada pelo então Gy.

Neste novo milénio, os esforços serão pá rã evitar a quebra da Caixa Nuclear de Pandora, que, como se percebe, já está rachada. Por exemplo, poderá ser reduzido o prazo de 20 anos estabelecido nos Programas Nunn-Lugar. Ele prevê, entre outras iniciativas, a transferência de 500 toneladas de urânio enriquecido da Rússia aos EUA, para transformações.

Quanto ao plutônio, a problema é ainda maior. O plutônio não existe na natureza e é o componente mais desejado pêlos países clientes das OCI. Ele é fundamental para a construção de armas atômicas. Existem 300 toneladas de plutônio enriquecido para destruição e isto serve, segundo técnicos, para a construção de 50 mil armamentos nucleares de média dimensão. Segundo os serviços de inteligência do Canadá, a Rússia possui 950 sítios, entre civis e militares, que regularmente utilizam plutônio e urânio enriquecidos, com precária fiscalização.

AS ROTAS DO CONTRABANDO

